

A contribuição da tradutologia na pesquisa historiográfica: uma reflexão metodológica em Iniciação Científica

Cristian Cláudio Quinteiro Macedo, Orientador: Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi, UFRGS

A pesquisa que desenvolvi em minha Iniciação Científica teve, como fonte documental, periódicos e atas do *Institut Historique de France* escritos, obviamente, em língua francesa. Lidando com a produção de historiadores franceses do século XIX e problematizando-a dentro de uma perspectiva histórica, minha proposta sempre foi lançar mão de um modelo analítico hermenêutico. Para tanto, organizei um projeto de pesquisa que previa, antes do texto final, três passos: recolher o corpus, traduzi-lo e, por fim, interpretá-lo com fins históricos. Longe de ser acessória, como a entendia inicialmente, a tradução mostrou-se parte constituinte da operação historiográfica que me propunha realizar. Logo percebi que, ao se traduzir uma fonte histórica, se faz hermenêutica, se produz conhecimento crítico sobre ela. Tradutologia e hermenêutica caminharam juntas na pesquisa, formando um quadro necessário e produtor de interdisciplinaridade na pesquisa histórica. Nesse sentido, o trabalho compartilhado no XXIX SIC UFRGS visa responder a questão: *Qual o uso e a importância da tradutologia na pesquisa histórica realizada em minha iniciação científica?* Com esse objetivo, tomo como base as reflexões de **Hans-Georg Gadamer** e **Paul Ricoeur** acerca da tarefa tradutória.

Gadamer, em sua obra fundamental *Verdade e Método*, dedicou interessantes páginas sobre o tema. Levando em conta que é na linguagem que se realiza um acordo entre interlocutores, Gadamer entende que o papel do tradutor é permitir esse acordo entre interlocutores distantes pela língua. O tradutor precisa manter o sentido do texto, lançando mão da forma que a língua do leitor tem à disposição. Nessa perspectiva, Gadamer afirma que “toda tradução já é, por isso, uma interpretação, a qual o tradutor deixa amadurecer na palavra que se lhe oferece” Para o autor, o problema hermenêutico na tradução não dizia respeito ao “correto domínio da língua”, mas ao “correto acordo sobre um assunto”. O texto de chegada seria fruto da compreensão do tradutor, dentro de um processo hermenêutico.

Ricoeur se demora na reflexão das questões tradutórias em seu livro *Sobre a Tradução*, onde afirma que traduzir é estar em processo de “grandes dificuldades” e “pequenas felicidades”. A partir da ótica freudiana de “trabalho”, ele entende a tradução como “trabalho de lembrança” e “trabalho de luto”, isto é, na mesma medida em deve “salvar”, a tradução também perde. Entre o autor estrangeiro e o leitor, o tradutor é o mediador, o servidor desses dois senhores. Cada um deles apresenta àquele que serve, duas resistências: a obra (por ser estrangeira) e, do outro lado, o desejo do leitor de se apropriar do texto. Ao longo de sua operação, o tradutor se vê diante delas, ora cedendo ao estrangeiro, ora domesticando o texto para atender ao leitor. Renunciar ao ideal de tradução perfeita é no que consiste o trabalho de luto proposto por Ricoeur. A felicidade na tradução está em hospedar o estrangeiro na língua de chegada, trazê-lo e acolhê-lo em sua diferença.

Em minha pesquisa, ao separar os textos para tradução, acreditava realizar uma ação que antecederia a prática historiadora. Após traduzir as fontes, o passo seguinte seria a crítica documental, com base na hermenêutica textual, a fim de recolher elementos para confirmar ou não minha hipótese de trabalho. No entanto, a operação historiográfica já estava ocorrendo. A cada palavra, a cada frase daquele francês oitocentista, levantavam-se problemas de tradução que levavam a uma constante pesquisa em obras coevas, como enciclopédias, gramáticas, dicionários bilíngues e monolíngues e também obras científicas e literárias. Na prática, as afirmações de Gadamer, de que a tradução é um processo hermenêutico, se realizaram. Perguntas tradutórias se misturaram a perguntas históricas, permitindo que a produção historiográfica fosse concretizada ao mesmo tempo em que a tradução era feita, seguindo os protocolos tradutológicos. Buscar a melhor tradução de um termo, por exemplo, leva a uma questão básica: o que significa? Quando tratamos de uma fonte histórica, a pergunta tem um caráter temporal: o que significava? Ela atende, assim, ao mesmo tempo às demandas tradutórias, hermenêuticas e históricas. A interpretação, nesse sentido, é movimento intelectual do tradutor e do historiador diante da sua matéria-prima que é o texto. Quando o historiador lê criticamente um documento em língua estrangeira, demorando-se em cada termo, em cada expressão, procurando ou percebendo equivalências em sua própria língua e cultura, ele está no que Gadamer e Ricoeur chamaram de círculo hermenêutico. A partir de seu horizonte histórico, o pesquisador busca adentrar o horizonte histórico de seu objeto e, nessa fusão de horizontes, nascem ideias, traduções, interpretações, frutos das questões do historiador (muito semelhantes às questões do tradutor). Dessa forma, a tradução pode ser vista como constituinte dos procedimentos metodológicos da operação historiográfica, quando esta visa o estrangeiro e quando as fontes manejadas pelo historiador estão em língua original.